

**LITERATURA E HISTÓRIA:
UMA REFLEXÃO SOBRE O “VERDADEIRO VILÃO PLANTAGENETA”**Marcos Roberto Freitas¹**RESUMO**

Na cultura britânica, o rei mais impopular de todos os tempos é Ricardo III, e muito de sua impopularidade é devida a uma famosa peça de Shakespeare, na qual Ricardo é descrito como um terrível e deformado vilão. Neste artigo, procura-se analisar, por método histórico-comparativo, que, se há um rei inglês realmente merecedor da pecha de ‘Rei-Vilão’, em termos históricos de magnitude de atos nocivos ao povo Bretão, esse monarca deveria ser o Plantageneta Eduardo III, e não seu descendente Ricardo III.

Palavras-chave: Ricardo III, Eduardo III, Rei-Vilão

ABSTRACT:

In English culture, the most unpopular king of all times is Richard III, and his unpopularity is mostly due to a famous play written by William Shakespeare, in which Richard is described as a terrible and deformed villain. This article aims at proving by historical-comparative method that, if there is an English king who really deserves the title of ‘Villain-King’, in terms of historical magnitude of damaging deeds to the British, such monarch should be the Plantagenet Edward III, and not his descendant Richard III.

Keywords: Richard III, Edward III, ‘Villain-King’.

¹ Doutor em Literatura Comparada (UERJ). Professor do UNIABEU – Centro Universitário e da FAETERJ-Rio. Contato: mrbfreitas@yahoo.com.br

1. Introdução

Na história dos monarcas ingleses, um rei se destaca como o mais odiado de todos: o Rei Ricardo III (1452 – 1485), o último rei Plantageneta. Muito de sua impopularidade advém do sucesso da peça *Ricardo III*, de William Shakespeare (1564 – 1616), que cria um grande vilão em sua obra, descrevendo Ricardo III como um monstro diabólico, sanguinário, pérfido, corcunda, e com um braço atrofiado.

Em termos factuais, no entanto, outro rei Plantageneta, Eduardo III (1312 – 1377), deveria ter recebido a pecha de mais detestado dos reis ingleses, pelos problemas causados ao povo britânico, em escala nunca antes alcançada, durante seu longo reinado. Se fosse possível estabelecer um grau maior de ódio ao monarca que mais prejuízos econômicos e mortes tenham sido contabilizados para seu governo, então seria muito mais correto considerar Eduardo III como o mais odioso rei da história bretã, e não o quase insignificante (em termos de prejuízos financeiros e número de mortos durante seu reinado) Ricardo III. Os fatos históricos comprovam isso, como será explicado a seguir.

2. Desenvolvimento

2.1 Os Plantagenetas

A família dos Plantagenetas é uma dinastia real que governou a Inglaterra de 1154 a 1485. O primeiro Plantageneta foi um nobre francês, Geoffrey, Conde de Anjou (1113 – 1151), e sua família era originalmente conhecida como a dinastia Angevina. O brasão da família de Anjou era uma representação de uma flor branca, *planta argent*, da qual o nome posterior da família foi criado. A ligação da família de Anjou com a realeza bretã ocorreu quando Geoffrey de Anjou casou-se com Matilda, filha do rei Henrique I² da Inglaterra, em 1127. O filho de Geoffrey de Anjou com Matilda, Henrique Plantageneta (1133 – 1189), tornou-se Henrique II, o primeiro rei inglês Plantageneta.

² Henrique I (1068 – 1135), foi rei da Inglaterra de 1100 a 1135, e era o quarto filho de Guilherme I, o Conquistador.

Eduardo III não ostentava esse sobrenome, que só ganhou evidência quando seu tataraneto Ricardo, Duque de York (1411 – 1460), que era pai dos futuros reis Eduardo IV e Ricardo III, começou a utilizar o ‘Plantageneta’ oficialmente para mostrar sua nobre linhagem, como parte de uma estratégia para reivindicar o trono da Inglaterra ao seu ramo da família real: passou a se chamar Ricardo Plantageneta³ durante os problemáticos anos finais de reinado de Henrique VI (1421 – 1471). O último rei plantageneta, morto em combate, foi Ricardo III, e os dois únicos membros dessa família que sobreviveram à Guerra das Rosas tiveram fim trágico: Eduardo, Conde de Warwick, passou décadas na prisão, para não tramar uma retomada do poder, até ser executado por Henrique VII (1457 – 1509), o primeiro monarca inglês da breve dinastia Tudor, em 1499. Margaret, irmã do Conde de Warwick, a última Plantageneta, viveu até 1541, quando Henrique VIII (1491 – 1547), o segundo monarca da família Tudor, mandou decapitá-la.

2.2 Antecedentes do Reinado de Eduardo III

Os antecedentes da coroação de Eduardo III foram bastante tumultuados. Seu pai, Eduardo II (1284 – 1327), conhecido como Eduardo de Caernavon, era impopular na corte, e considerado fraco pelos súditos, por ter sido derrotado em campos de batalha contra escoceses, irlandeses e franceses. Ele foi forçado a renunciar em favor do filho, depois que uma revolta armada o destituiu do trono. A revolta era composta por um exército de maioria recrutada na França, e foi liderada por Roger Mortimer (1287 – 1330), o amante da rainha inglesa Isabel de França (1292 – 1358), esposa separada de Eduardo II. O monarca deposto ficou preso no castelo de Berkeley e morreu meses depois – provavelmente assassinado por Mortimer no cativeiro.

2.3 O Reinado de Eduardo III

2.3.1 Primeiros anos de governo

Eduardo III nasceu em 13 de novembro de 1312, e foi coroado rei da Inglaterra em 1º de fevereiro de 1327, com apenas quatorze anos; mas quem reinava *de facto*

³ Ricardo Plantageneta governou a Inglaterra por um breve período, de 1453 a 1455, na condição de Lorde Protetor, por ocasião do surto temporário de insanidade do Rei Henrique VI.

nesse período era Mortimer, sob a regência de sua amante rainha Isabel, a mãe de Eduardo III. Aos dezessete, Eduardo III fortaleceu-se o suficiente para tomar o poder de Mortimer, decapitando-o sob a alegação de traição. Finalmente, ao enviar sua mãe para uma prisão domiciliar, Eduardo III pôde reinar com a plenitude de poderes a que tinha direito, mas seu temperamento impulsivo e as circunstâncias tumultuadas de sua coroação o fizeram tornar-se um jovem rei vingativo e beligerante, que não foi educado para ser habilidoso nos embates políticos de negociação, e nem de longe se parecia com um estadista.

Carlos IV, rei da França morto em 1º de fevereiro de 1328, era irmão de Isabel de França (mãe de Eduardo III), e havia tomado dos domínios de Eduardo II no continente europeu, em 1324, o território da Gasconha, que fazia fronteira com a França. O reino da Inglaterra, ainda sob o comando de Mortimer, já tendo que lidar com atritos por território com os governantes franceses, apresentou a candidatura ao trono francês do jovem rei inglês Eduardo III (com 15 anos à época), na qualidade de neto do rei Filipe IV, o Belo (pai do recém-falecido rei Carlos IV). A casa real francesa⁴, que obviamente não queria ver o jovem rei da Inglaterra se apoderando da coroa francesa, recusou os argumentos de legitimidade sucessória de Eduardo III, e ele, por fim, teve que aceitar formalmente a legitimidade de Filipe VI⁵ de Valois como novo rei da França⁶. Mas o temperamental rei da Inglaterra não desistiria tão fácil assim de um direito que ele acreditava ser seu – e sob diversos aspectos, ele realmente tinha precedência sobre o primo Filipe VI na linha sucessória – e a ocasião mais propícia para isso ainda estava por vir. Eduardo tinha problemas mais urgentes a enfrentar, na figura de Mortimer, e ele sabia esperar.

2.3.2 O Início da Guerra dos Cem Anos

Apesar de Eduardo III ter reconhecido formalmente no juramento de Amiens a legitimidade de Filipe VI como rei da França, e ter jurado vassalagem a ele, conforme preconizado pela tradição feudal, por possuir os Ducado da Aquitânia e Gasconha

⁴ Numa interpretação de conveniência da lei sálica à época da sucessão de Filipe o Belo, foi decidido que as mulheres da família real francesa não poderiam assumir o trono, e nem transmitir esse direito a seus herdeiros homens.

⁵ Filipe V (1293 – 1322), foi rei da França (de 1316 a 1322) antes de Carlos IV (seu irmão mais novo).

⁶ Filipe VI era primo direto de Carlos IV e Filipe V (pois era filho de Carlos de Valois, irmão de Filipe IV).

(pertencente à casa dos Plantagenetas em território outrora normando⁷ desde o reinado de Henrique I, em 1152), Eduardo não estava nem um pouco satisfeito com isso, e ainda por cima o rei bretão temia o confisco ou a absorção de suas propriedades naquela região (que eram várias, além das mais importantes, Aquitânia e Gasconha) pela coroa francesa. O alinhamento do rei francês com os rebeldes escoceses por ocasião da guerra pela independência desse país do domínio inglês, liderada por David II (1324 – 1371), deteriorou ainda mais as relações já turbulentas entre os reinos da Inglaterra e da França.⁸

Eduardo já tinha razões suficientes para usar a *ultima ratio Regis* contra a França, e discretamente compunha alianças com alguns barões franceses descontentes com os rumos do reinado de Filipe VI; mas o monarca britânico precisava de um motivo de forte apelo econômico para obter o apoio da população ao esforço de guerra. E tal motivo surgiu com o interesse da corte francesa por Flandres.

A Inglaterra era grande produtora de lã, e tinha a tecelagem flamenga como complemento importante dessa atividade econômica. Os condes que governavam Flandres eram leais à coroa francesa, mas a burguesia flamenga, que possuía as tecelagens, era mais ligada aos britânicos. Quando os comerciantes flamengos fizeram uma aliança com os ingleses, o rei Filipe VI ficou profundamente contrariado, e pressionou Flandres para obedecer a um acordo que beneficiava o mercado continental. Os comerciantes ingleses e flamengos se sentiram prejudicados com o novo acordo comercial, o que facilitou a aprovação popular da guerra que Eduardo tanto almejava, e a obtenção de recursos financeiros através de créditos votados pelo parlamento britânico. Além disso, o líder das cidades flamengas, Jacob van Artevelde (1290 – 1345) incitava o rei Eduardo III a reclamar a coroa francesa como sua de direito, pois a classe burguesa da região, os comerciantes de Flandres, também consideravam que Filipe VI não era o rei legítimo da França.⁹

Em 1337, Eduardo III rompeu seu vínculo feudal de lealdade (que o prendia ao rei da França desde 1329), declarando Filipe VI usurpador da coroa, iniciando oficialmente uma ambiciosa tentativa de conquistar o trono francês pela força, a

⁷ A Normandia, que fazia fronteira com a França, foi conquistada pelos Francos em 1204.

⁸ BERNARDES, 1993, p. 9683.

⁹ Cf. BARBOSA, 1993, p. 9685.

Guerra dos Cem Anos, que só terminou em 1453. O primeiro grande conflito bélico europeu, cuja magnitude e longa duração (116 anos de confrontos violentos e esporádicos, seguidos de longos períodos de trégua) causou grandes mudanças na situação política, econômica e social da Europa ocidental. A iniciativa de Eduardo III (que morreu 40 anos após o início da guerra) deixou um saldo negativo de milhares de mortes em ambos os lados, abalou o sistema feudal (que levou ao surgimento do absolutismo), arrasou com a agricultura francesa, e levou a Inglaterra a sofrer muitas restrições econômicas com os elevados gastos da centenária campanha.

2.3.3 O Início da Guerra das Rosas

Eduardo III considerava que seu filho predileto, o Príncipe de Gales Eduardo (1330 – 1376), conhecido como o Príncipe Negro (alcunha derivada de sua armadura toda negra), era o nome certo e definitivo para sucedê-lo no trono britânico. O príncipe era um grande guerreiro, respeitado e admirado por todos, inclusive por seus inimigos franceses, durante várias campanhas que liderou no início da Guerra dos Cem Anos. Ele era nobre e respeitoso até nos momentos em que ninguém esperava: ao capturar o rei francês João II, o Bom (1316 – 1364), O Príncipe Negro o tratava como um convidado especial, ficando em pé atrás da cadeira desse rei durante suas refeições, e em cavalgada por Londres, o rei cativo ficava numa carruagem enquanto o Príncipe Negro trotava em um pônei ao lado desta.

Quando o príncipe Eduardo morreu de febre, o rei Eduardo III ficou arrasado de tristeza, pois seu filho era tudo para aquele monarca. O velho rei já mostrava sinais claros de fragilidade no comando do reino havia alguns anos, e a inesperada morte do futuro rei desestabilizou a corte bretã. Eduardo III, que viveu a maior parte de seu reinado em guerras, perdera naquela ocasião a vontade de viver, e não preparou um sucessor para receber sua coroa. Nada mais importava para o rei a partir daquele momento. O que aconteceu em seguida foi dramático para o reino da Inglaterra: os irmãos mais novos do Príncipe Negro, o Duque de York e o Duque de Lancaster, queriam assumir o posto de novo rei da Inglaterra. Após a morte do rei, no entanto, quem assumiu o trono foi o filho do Príncipe Negro, Ricardo II (1367 – 1400), com apenas dez anos. A criança recém-coroadada ficou sob a guarda de seu tio, João de

Gaunt (1340 – 1399), o Duque de Lancaster, que se tornou Lorde Protetor do infante-rei. O Duque de York, Edmundo de Langley (1341 – 1402), não admitia que, na prática, quem governasse após a morte de seu pai Eduardo III fosse seu irmão mais velho Gaunt, e nem considerava justo seu sobrinho Ricardo II ter sido coroado, se o pai do menino morrera sem ter sido rei. Eram motivos suficientes para o Duque de York e sua família romperem a lealdade para com o novo rei e organizarem um exército para tomar o trono. Assim começou a mais sangrenta guerra civil de toda a história da Inglaterra, que durou, com batalhas intermitentes, mais de um século.

2.3.4 As Primeiras Epidemias de Peste Negra

Em 1348, a terrível doença que devastou a Europa apareceu pela primeira vez na Inglaterra, cerca de uma década depois do início da Guerra dos Cem Anos. Dois anos antes, em 1346, os primeiros surtos ocorreram na região dos portos genoveses, que realizavam intenso comércio marítimo com o Oriente, e a doença espalhou-se rapidamente pela costa europeia. Os vetores da peste negra eram ratos, que infestavam os navios europeus e encontravam um ambiente muito favorável para sua proliferação nas cidades europeias ocidentais, que apresentavam péssimas condições sanitárias

Muito provavelmente, as seguidas viagens de ida e volta de navios com soldados ingleses para o continente europeu, durante a campanha eduardiana na península da Normandia (1341 – 1351), serviram de veículo para acelerar a introdução da peste negra em solo britânico. O primeiro surto de peste negra na Inglaterra¹⁰ começou em 1348 e terminou em 1349, e o primeiro caso registrado foi o de um marinheiro inglês de Dorset¹¹, que voltava de uma viagem à Gasconha¹² (localizada nos Pirineus, na fronteira da França com Espanha). Esse primeiro surto de peste matou praticamente metade da população britânica, desestabilizando seu sistema feudal, e suspendeu por um tempo suas incursões militares na Guerra.

¹⁰ Cf. FREITAS, 2008, p. 49.

¹¹ Condado inglês, situado na região sudoeste do país, na costa do Canal da Mancha.

¹² Território localizado nos Pirineus, na fronteira da França com a Espanha.

2.4 O Reinado de Ricardo III

2.4.1 Antecedentes

Quase um século depois da morte de Eduardo III, os acontecimentos que marcaram a trajetória de seu descendente direto, Ricardo III (1452 – 1485), são registrados. O Duque de Gloucester (título de Ricardo III antes de sua coroação) era o décimo-segundo filho¹³ de Ricardo Plantageneta, terceiro Duque de York¹⁴ (1411 – 1460), e, portanto, o Duque de Gloucester era um dos trinetos de Edmundo de Langley, o Duque de York original. Juntamente com outro irmão, Jorge Plantageneta, o Duque de Clarence (1449 – 1478), terceiro filho mais velho de Ricardo Plantageneta, depois de várias reviravoltas e batalhas num dos momentos mais violentos da Guerra Civil das Rosas, Eduardo IV (1442 – 1483), o líder da família de York na ocasião, por fim se estabilizou no controle do reino da Inglaterra nessa década do último quartel do século XV.

O rei coroado era o primogênito dos irmãos de Ricardo III. Eduardo IV, nascido no acampamento inglês de Ruan, durante o interstício de uma batalha na Guerra dos Cem Anos. Eduardo IV tornou-se rei depois de derrotar em 1461 o monarca Lancastriano Henrique VI (1421 – 1471), que foi aprisionado na Torre de Londres em 1461. Conseguindo escapar, Henrique VI retoma o poder em 1470, mas o então exilado Eduardo IV, com ajuda militar de Carlos o Audaz, Duque de Borgonha (1433 – 1477), consegue reaver o trono inglês em maio de 1471, e no fim desse mesmo mês manda executar o cativo Henrique VI para evitar nova reviravolta. O Duque de Clarence foi julgado por conspiração (ao incitar uma revolta) e traição, e foi declarado fora da lei pelo parlamento inglês – sendo preso em janeiro de 1478 e, por ser um príncipe, sofreu execução privada no mês seguinte.

2.4.2 O Breve Reinado de Ricardo III

A súbita morte de Eduardo IV em abril de 1483, quando preparava uma nova expedição contra a França, deixou o reino desestabilizado. Com o Duque de Clarence

¹³ Desses doze filhos, apenas quatro chegaram à idade adulta.

¹⁴ O segundo Duque de York foi Eduardo Plantageneta, tio de Ricardo Plantageneta, morto em 1426 na batalha de Agincourt. O quarto Duque de York foi Eduardo IV, que recebeu esse título com 18 anos de idade (BARBOSA, 1993, p 9684).

morto, o único irmão do rei ainda vivo era o Duque de Gloucester (Ricardo III). Mas pela tradição real britânica, o sucessor imediato do rei é seu filho mais velho, e não o seu irmão. O filho em questão se chamava Eduardo V (1470 – 1483), Príncipe de Gales, e tinha apenas doze anos quando seu pai morreu. Além dele, havia seu irmão mais novo, Ricardo de Shrewsbury, o novo Duque de York¹⁵, de dez anos. O Duque de Gloucester tornou-se Guardião dos seus sobrinhos, assumindo também a regência do trono. O reinado de Eduardo V durou apenas 86 dias, pois o Parlamento inglês, provavelmente por influência de Gloucester, declarou Eduardo V filho ilegítimo de Eduardo IV e, assim, indigno de assumir o trono. Um decreto, de nome *Titulus Regius*, confirmou a retirada de Eduardo V do trono inglês, e nesse decreto ele renunciava também a qualquer direito como herdeiro de seu pai. Ricardo III, sendo coroado o novo rei da Inglaterra, conduziu os infantes irmãos para aposentos na Torre de Londres, e os meninos nunca mais foram vistos novamente.

O último rei da dinastia Plantageta, o último rei da casa de York, o último rei a morrer em combate na história inglesa, o Duque de Gloucester ascendeu ao trono da Inglaterra em 6 de julho de 1483, sendo a partir de então chamado de Ricardo III. Seu reinado foi muito curto (apenas dois anos), e vivenciou os últimos movimentos da Guerra das Rosas, que ressurgiram na figura de Henrique Tudor, do ramo dos Lancaster, que organizou um novo exército para reativar a guerra civil.

Ricardo III é considerado o rei mais odiado da história inglesa. Nenhum outro é tão impopular quanto ele (Cf. ROBINSON, 2001, p.51). Muito dessa aversão ao último rei Plantageneta deve-se à obra dramática de William Shakespeare (1564 – 1616), que caracterizou Ricardo III como um monstro, o primeiro grande vilão shakespeariano, na peça histórica escrita em 1592 (ou 1593) que leva o nome dele, e na qual o monarca é descrito como um corcunda maligno:

[Gloucester] - Mas eu, que não fui talhado para habilidades desportivas, nem para cortejar um espelho amoroso; que, grosseiramente feito e sem a majestade do amor para pavonear-se diante de uma ninfa de lascivos meneios; eu, privado dessa bela proporção, desprovido de todo encanto pela pérfida natureza; disforme, inacabado, enviado por ela antes do tempo

¹⁵ Pela tradição da baronagem inglesa, o segundo filho do rei ou da rainha da Inglaterra recebe o título de Duque de York.

para este mundo dos vivos; terminado pela metade e isso tão imperfeitamente e fora de moda que os cães ladram para mim quando paro perto deles, pois bem, eu, neste tempo de serena e amolecedora paz, não acho delícia em passar o tempo, exceto espiar minha sombra no sol e dissertar sobre minha deformidade! (SHAKESPEARE, 1988, p. 580)

Ricardo III até tentou com afinco ser um rei popular: ele era admirado por suas habilidades de cavaleiro e sua bravura em combate (Cf. ROBINSON, 2001, p.51). Ele prometeu não aumentar impostos, e fazer com que as leis fossem justas para todos, mas os súditos não estavam mais preocupados com esses assuntos. O desaparecimento suspeito dos dois infantes (Eduardo V e seu irmão mais novo) na Torre de Londres não era esquecido por ninguém. Quando Henrique Tudor, o Conde de Richmond, derrotou e matou Ricardo III na batalha do campo de Bosworth em 22 de agosto de 1485, pondo fim à longa Guerra Civil das Rosas, a impopularidade de Ricardo III era tanta que não houve funeral, e nenhum outro tipo de honra fúnebre para ele. As roupas foram rasgadas de seu cadáver, o qual foi amarrado, com as mãos atadas aos tornozelos como um carneiro, à sela de um cavalo, para ser arrastado até uma igrejinha distante (nas cercanias de Leicester), onde foi enterrado. Poucos anos depois, seu túmulo foi violado, destruído, e seus restos mortais desapareceram.¹⁶

2.5 Conclusão

A fama de uma figura histórica deve-se a vários fatores, e alguns desses fatores são inusitados – o sucesso de palco e a popularidade da peça de Shakespeare¹⁷ sobre Ricardo III, que repercutem de maneira indissociável na figura histórica do verdadeiro rei é algo que se classifica assim. Há um movimento, na Inglaterra, de resgate da imagem de Ricardo III, que se baseia nos fatos descritos acima, para tentar diminuir a impopularidade desse antigo rei na cultura bretã, e inserir sua memória em termos mais concretos e menos fictícios. De fato, o que ele realmente fez de detestável, matar os próprios sobrinhos, nunca foi comprovado – e nada indica que ele possa ter participado da intriga que levou à execução (por conspiração e traição) de seu próprio

¹⁶ Em 2012, seus restos mortais, comprovados por exames de DNA, foram achados embaixo do pavimento de um estacionamento, na região de Leicester, na Inglaterra, onde outrora se situava o mosteiro dos Greyfriars.

¹⁷ Cf. FREITAS, 2012, p. 106.

irmão, o Duque de Clarence. O restante dos atos de Ricardo III é historicamente pouco relevante em termos econômicos e de baixas de homens em conflito – a principal batalha de Ricardo III como monarca foi a de Bosworth, onde cerca de mil homens do exército real morreram.

Eduardo III, por outro lado, iniciou uma guerra contra a França que custou a vida de cerca de 3,5 milhões de pessoas – a guerra mais duradoura e com maior número de baixas da Europa medieval. Isso sem falar no desvio de força humana produtiva para atuar no esforço de uma prolongada guerra. Se isso já não bastasse, as numerosas incursões ao continente europeu nessa guerra anteciparam a chegada da peste negra que, depois de matar praticamente metade da população inglesa, acabou por dismantelar o próprio sistema econômico (feudal), por falta de vassalos. Por fim, graças ao desinteresse de Eduardo III na sua sucessão, foi desencadeada a mais terrível guerra civil (pela disputa do poder real) da história das Ilhas Britânicas. Pelo conjunto de evidências históricas altamente danosas à população bretã, diretamente ligadas ao governo de Eduardo III, ele deveria ter sido o grande vilão das tragédias shakespearianas e o monarca mais odiado pelo povo inglês, e não o efêmero infanticida Ricardo III.

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, Francisco de A. “Reino Unido”. In: *Encyclopaedia Britannica*. Versão Mirador. v. 17. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Ltda., 1993.

BERNARDES, Carlos A. “França”. In: *Encyclopaedia Britannica*. Versão Mirador. v. 9. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil Ltda., 1993.

BOYCE, Charles. *The Wordsworth Dictionary of Shakespeare*. New York: Wordsworth Editions, 1996.

FREITAS, Marcos Roberto. *The Beginnings of English Literature*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

FREITAS, Marcos Roberto; TEIXEIRA, Ricardo. *English Literature: The Elizabethan Paradigm*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2012.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Bauru, SP: EdUSC, 2006. 2 vol.

ROBINSON, Tony. *Kings and Queens*. London: Red Fox/Random House, 2001.

SHAKESPEARE, William. *Obras Completas – Volume III*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar S/A., 1988.

Recebido em 24 de novembro de 2014.

Aceito em 26 de dezembro de 2014